AS RELAÇÕES DE GÊNERO E O FUTEBOL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM CATALÃO-GO

RELATIONS OF GENDER AND SOCCER IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN CATALÃO-GO

Heliany Pereira dos Santos[1]
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

Maria Carolina Lourenço[2]
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

Mário Moreno Rabelo Silva[3]
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

Fernanda Gonçalves Silva[4]
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão

Resumo: O presente trabalho propõe uma reflexão acerca das relações de gênero e o futebol nas aulas de Educação Física em Catalão-GO, tendo como objetivo identificar e analisar como se configuram as relações de gênero, quando o conteúdo é o futebol/futsal, nas aulas de Educação Física do 6º e 7º ano do ensino fundamental das escolas públicas estaduais de Catalão. Como metodologia, utilizamos a observação de aulas em três escolas definidas por acessibilidade e elegemos como amostragem quatro turmas, sendo duas do 6º e duas do 7º ano. Percebemos que as relações que se configuram nas aulas de Educação Física entre meninos e meninas em Catalão-GO contribuem para perpetuar as relações separatistas entre homens e mulheres, estabelecidas e

[1] Graduada em Educação Física - Licenciatura Plena pela Universidade Federal de Goiás, Mestre em Educação e docente do Curso Educação Física do Campus Catalão -UFG. E-mail: helianyps@yahoo.com.br

[2] Graduanda do Curso de Educação Física - CAC/UFG. E-mail: mariacarolinalorenço@hotmail.com

[3] Graduando do Curso de Educação Física - CAC/UFG. E-mail: morenoudi@gmail.com

[+] Graduanda do Curso de Educação Física - CAC/UFG. E-mail: fernandinhagonçalves@hotmail.com

cultuadas pela sociedade como valores absolutos, priorizando o masculino em detrimento do feminino.
Palavras-Chave: *Educação Física Escolar; Gênero; Futebol.*

Abstract: The present paper proposes a reflection about gender and soccer relations in Physical Education classes in Catalão-GO. Its aims is to identify and to analyze how the gender relation configures when the content is soccer/footsall in Physical Education classes from 6th and 7th levels of Elementary School at Public Schools in Catalão. As methodology, we used the class observation in three schools which have been defined by accessibility. We chose as sampling four groups, two of 6th level and two of 7th level. We perceived that relations that configure in classes of Physical Education between boys and girls in Catalão-GO contributed to perpetuate separatist relations between men and women. Those relations have been established and worshiped by society as absolute values prioritizing masculine in detriment of feminine.
Keywords: *Physical Education; Gender; Soccer.*

Introdução

Algumas máximas de que "mulher no volante perigo constante", "lugar de mulher é pilotando o fogão", "mulher não sabe jogar futebol", entre outras, estão cada vez mais caindo por terra. Sabe-se que, atualmente, o papel da mulher na sociedade torna-se cada vez mais significativo. Exemplos não faltam de mulheres que a todo o momento vêm ocupando espaços nos mais variados setores da sociedade que antes fora totalmente dominado por homens.

O futebol, considerado o esporte nacional, apresenta-se como uma dessas áreas e, assim como em outros espaços da sociedade, ainda conta com maior participação dos homens, seja como jogadores, espectadores ou trabalhadores relacionados diretamente com o universo futebolístico. Mas as expectativas de mudança desse quadro começam a surgir com algumas ações, quase sempre isoladas, mas que contribuem para essa mudança que se anuncia.

No Brasil, o futebol é tratado nas diversas áreas do co-

nhecimento e, portanto, apresenta-se em várias literaturas que o relaciona a diversos aspectos. Mas abordagens voltadas às aulas de Educação Física, sobretudo que discutem questões relevantes, como as de sexualidade e gênero no futebol, ainda são pouco discutidas, principalmente no meio acadêmico.

Partindo destas constatações que cada vez tornam-se mais prementes, pretendemos, neste ensaio, abordar o tema Gênero e futebol/futsal[5] na escola. Apresentamos num primeiro momento as discussões defendidas por alguns dos autores que discutem essa temática como Altmann (1999), Louro (1997), Saraiva (2005), entre outros, destacando as contribuições surgidas a partir de cada abordagem.

Apresentamos como questão investigativa a configuração das relações de gênero entre meninos e meninas, nas aulas de Educação Física do 6º e 7º ano, ao tratar o conteúdo do futebol/futsal, em Escolas Públicas Estaduais de Catalão-Go. Elegemos como objetivo geral, identificar e analisar as referidas relações em aulas de Educação Física do 6º e 7º anos, quando o conteúdo é o futebol/futsal, nestas escolas. Como objetivos específicos: contextualizar as principais discussões sobre gênero na escola; analisar a inserção da mulher no contexto do futebol/futsal; identificar e analisar as aulas de Educação Física nas Escolas Estaduais e detectar como se configuram as relações de gênero entre meninos e meninas do 6º e 7º ano quando o conteúdo é o futebol/futsal.

A discussão aqui apresentada embasa-se também na análise de material coletado através da observação de aulas (04 aulas em cada série sendo 01 turma de cada série por unidade) do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental de 03 Escolas Públicas Estaduais de Catalão-Go.

Gênero, cultura e educação física

O sexo feminino tradicionalmente teve um papel de infe-

[5] Utilizamos este termo considerando que, na maioria das escolas, há o predomínio da prática do futsal, derivação do futebol, e acreditamos que a participação feminina neste universo acontece da mesma forma e proporção que acontece fora do ambiente educacional.

rioridade em relação ao sexo masculino, cujo comportamento era de total dominação, em boa parte da história. A mulher, portanto, foi considerada "incapaz" de produzir, física e intelectualmente, quando comparado ao homem, ficando assim às margens de uma sociedade patriarcal.

No período de acumulação primitiva, entretanto, de acordo com estudos de Saraiva (2005), a mulher exercia funções produtivas e econômicas, já que toda a família camponesa participava do trabalho, sem se desligar da agricultura. Mais acentualmente por volta do final do século XVIII, as características que configuravam produtividade são dissociadas da figura feminina, sendo sua atuação produtiva delimitada ao seio da família. Nesta, a mulher deveria cultivar suas qualidades reprodutoras e emocionais (ideal de mulher burguesa), dando-se, assim, sua racionalização para a "terna feminilidade".

Conforme a autora supracitada, notamos, portanto, que a passagem do século XVIII para o XIX representou não apenas uma mudança de tempos, significou também uma mudança de comportamentos, de hábitos e ações, que modificaram as relações sexistas, tornando a imagem feminina como a de "sexo frágil", que deveria ser apenas a "progenitora", cabendo as funções produtivas e econômicas somente ao homem.

No primeiro momento da Revolução Francesa, as mulheres sofreram um processo de politização e início de participação na vida público-política. Para ter eficácia, o poder deveria apelar à afeição e, por isso, de vez em quando precisava ser familiar. Passa-se, então, a explorar politicamente a imagem feminina, como símbolo da vida privada, mas, com efeito, público. A mulher e a mãe, desprovidas de direitos políticos, foram convertidas em emblemas da nova República, representando a igualdade, a liberdade, a prosperidade e a vitória (PERROT *apud* SARAIVA, 2005).

Outrora, percebemos que o papel da mulher exprimia sentidos políticos, de forma a atender aos interesses do meio social a que pertenciam, o que representou, portanto, certo *status* social, tornando-se público e notório suas ações familiares, iniciando o símbolo

da "Primeira Dama" na política, que vigora em tempos atuais[6].

Entre os papéis exercidos como tipicamente femininos pelas mulheres, segundo Saraiva (2005), está o de complemento ideal masculino, caracterizado como aquele que se faz por características como beleza e suavidade, entre outras. Nessa atribuição de características a um sexo e outro se explicita claramente o caráter da exclusão. As qualidades pertencentes às mulheres não são inerentes também aos homens e vice-versa. O autor afirma ainda que

> fica a mulher ainda submetida à dominação masculina e inferiorizada no campo do trabalho e no mundo esportivo, devido às suas características tradicionalmente consideradas: sensibilidade, receptividade, solidariedade, passividade e etc. (SARAIVA, 2005, p. 47).

Diante de tal realidade social, a criança acha natural que alguns homens dominem os outros, sendo assim, configura-se uma estrutura hereditária, que passa de geração para geração. Este fenômeno da dominação, portanto, ajuda a explicar a submissão das mulheres aos homens.

Percebemos, dessa forma, que alguns estereótipos que consideram o homem o senhor do lar, aquele que garante o sustento da família trabalhando fora, o dono da produção – entendida como aquilo que gera a riqueza, em termos de dinheiro – e às mulheres, um ser frágil, restando-lhes o trabalho doméstico, invisível e desvalorizado e, ainda, a função de reprodução: da vida, da força, do trabalho e também dos valores vigentes, são alguns dos estereótipos construídos historicamente ao longo dos tempos.

Nesta perspectiva, não podemos deixar de esclarecer que as discussões relacionadas à categoria gênero, segundo Louro (1997), surgiram na constituição dos movimentos feministas do século XX, e foi realçado especificamente a partir da década de sessenta, quando este movimento tornou-se mais visível no meio social. Mas seu reconhecimento iniciou na década de trinta devido ao sufragismo, considerado como a "primeira onda" do feminis-

[6] Grifos nossos.

mo, o qual representou a luta pelo direito das mulheres ao voto, e as reivindicações ligadas à organização familiar, oportunidade de emprego e direito à profissão.

Como podemos ver, as mulheres no início do século passado tiveram um papel primordial na sociedade, demonstrando, por conseguinte, uma total mudança de atitude ao buscar o verdadeiro valor e reconhecimento dos seus direitos enquanto cidadã.

Em contrapartida, apesar das lutas em busca dos direitos da mulher, esta ainda sofre com o preconceito masculino, de modo que os estereótipos são impregnados a todo o momento pelos homens, talvez por uma necessidade de afirmação (mostrarem-se "imponentes" e "superiores") ou simplesmente por comodismo. Já as mulheres são desmerecidas e colocadas ao descaso pela sociedade patriarcal.

Reforçando esta idéia, segundo Bovenschen e Schuller (*apud* LOURO 1997), no tipo de sociedade em que vivemos, tende-se manter, ainda, uma desvalorização da mulher, partindo-se do pressuposto de que ela em si não é nada, de que deve esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido.

Para Rago (*apud* SARAIVA, 2005), passado quase um século, as imagens e "slogans" veiculados pela mídia, deixam-nos perceber, em pleno início do século XXI, a figura do homem como aquele responsável por garantir economicamente o futuro da mulher e do filho, tal qual pensava um tecelão no início do século XX:

> nós não devemos ensinar o trabalho a essas mulheres que amanhã nos virão a substituir, mas devemos fazer-lhes compreender que o seu lugar é em casa, a tratar e educar seus filhos, melhor seria que somente o homem procurasse produzir de forma a prover as necessidades do lar. (p.60).

Entretanto, hoje, a nossa perspectiva particular aponta para que esse modelo de mulher submissa e senhora do lar desapareça totalmente, cedendo lugar a uma mulher mais dinâmica e inserida no mundo do trabalho fora de casa (a mulher operária que

conquista cada vez mais espaço no mundo da produção, da política, da construção civil, dos esportes, dentre outros, antes considerados eminentemente masculinos), o que já acontece, mas ainda carregado de preconceitos e discriminações.

Essa emancipação percebida e vivenciada leva-nos a perceber que muitos homens ainda resistem em aceitar e incorporarem-se ao mundo da reprodução, pois permanecem cultuando o pensamento da mulher submissa e apenas mãe e senhora do lar, impondo-lhes o poder decisório dentro e fora de casa.

Essas mudanças vivenciadas e outras já anunciadas levam-nos à percepção de que alguns fatores importantes têm colaborado para mudanças dessa natureza como, por exemplo, a crise econômica, que força a inserção cada vez maior da mulher no mercado de trabalho, o aumento crescente das famílias chefiadas por mulheres, a organização das mulheres lutando por uma maior igualdade nas leis e na vida, entre outros fatores que influenciam constantemente nossas vidas e contribuem para alavancar a autonomia da mulher na nossa sociedade.

Diante do exposto nos perguntamos então: o que estamos defendendo? Defendemos a igualdade nos direitos sociais que ainda não é garantida para as mulheres, pois o caráter de exclusão que se dá entre as habilidades específicas femininas e masculinas na socialização em geral, a partir da sociedade burguesa, configura-se em todos os âmbitos da sociedade, portanto, também no esportivo, fortemente representado nas aulas de Educação Física[7].

Assim, percebemos que há uma diferença nas oportunidades e tratamento dado aos homens e às mulheres e que ambos apresentam diferenças que são determinantes no papel que assumem na sociedade e, segundo Louro, estão fundamentados na ideia das diferenças de sexo e de gênero. Para a autora,

> diferenças de sexo são aquelas diferenças biológicas que se apresentam desde o nosso nascimento e que determinam "o ser macho" ou "o ser fêmea". Diferenças de gênero são aquelas diferenças que se constroem na sociedade e na cultura, indican-

[7] Faremos essas discussões posteriormente no decorrer do texto.

> do os papéis adequados aos homens e às mulheres, delineando, portanto, representações de masculinidade e feminilidade (2003, p.82-83)

Logo, os conceitos de gênero e sexo são percebidos equivocadamente por um grande número de pessoas, inclusive os professores de Educação Física, que os associam como uma única definição pautada nas características sócio-culturais, como vistos anteriormente. No entanto, Louro (2003) reforça a necessidade de esclarecimento desses conceitos, para posteriormente trabalharmos com as questões relacionadas a gênero na escola. Para a autora apesar de serem conceitos relacionados, ambos possuem significados distintos e, para além, nos faz assimilar que as diferenças de sexo devem se relacionar a aspectos biológicos, enquanto as diferenças de gênero são estabelecidas através do meio social em que vivemos.

Coadunando com esta ideia, segundo Souza e Altmam, "gênero pode ser entendido como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres" (1999, p. 53), e acreditamos que as relações de gênero estabelecidas socialmente e presentes nas aulas de Educação Física estão fundadas no caráter fundamentalmente social das relações de poder entre os sexos.

As autoras citadas anteriormente avançam na discussão de gênero e a Educação Física ao trazerem as relações de poder como fator determinante nas relações entre os sexos, inclusive nos esportes, deixando explícito que homens e mulheres são condicionados ao envolvimento de dominação. Para entender melhor este assunto, Louro nos traz uma citação de Foucault:

> os gêneros se produzem, portanto, nas relações de poder, onde homens e mulheres não são constituídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas) (1997, p. 63).

O que se tem comprovado, de acordo com Saraiva (2005), é que as diferenças entre as mulheres e os homens são fortemente condicionadas pela socialização e reforçadas por alguns cientistas sociais, ao dizer que o social decide sobre o que acontece com o biológico e que a chave do comportamento humano está no meio ambiente e não nas possibilidades genéticas e na constituição dos homens.

Essa perspectiva se relaciona, portanto, criticamente à ideia de gênero como fundada exclusivamente na dimensão das diferenças biológicas, o que não significa dizer que essas diferenças sejam desconsideradas, pois não deixa de reconhecer o caráter relacional que leva em conta o sexo oposto.

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

Para se compreender o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas tudo o que socialmente se constitui sobre os sexos. Compartilhando discussão, Louro nos faz refletir que "o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas" (1997, p.21).

A partir desta citação, entendemos que, no gênero, a prática social se dirige aos corpos, e para além, o conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico.

As justificativas para as desigualdades de gênero, segundo Louro (1997), precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas, mas nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação.

Portanto, o modo como vemos cada um dos gêneros pressupõe oposição e polaridade; para superação desta oposição, Louro (1999) aponta que é necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas

características são representadas ou valorizadas que deve ser considerada. A autora acrescenta, ainda, que para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos e, sim, tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.

Assim sendo, Louro (1997) nos permite entender que essas identidades (sexuais e de gênero) estão profundamente interrelacionadas e, nossa linguagem e nossas práticas, muito frequentemente as confundem tornando difícil pensá-las distintivamente. No entanto, tanto na dinâmica do gênero, quanto na dinâmica da sexualidade, as identidades são sempre constituídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. As identidades, portanto, estão sempre se constituindo, elas são instáveis, passíveis de transformação.

Contudo, diante da discussão de gênero e sexualidade, podemos considerar que a igualdade entre homens e mulheres inclui e depende do reconhecimento da existência da diferença, ou seja, se os indivíduos e grupos fossem idênticos não haveria necessidade de buscar a igualdade.

A partir do texto proposto algumas reflexões tornam-se latentes acerca das relações de gênero nas aulas de Educação Física. O que percebemos resulta do pensar e agir cultural repassados para gerações posteriores. Neste processo cultural, os pais e a escola desempenham papel de destaque estruturando as formas de conduta dos filhos/alunos como o modo de se brincar e os objetos com que se brinca, atendendo as particularidades de cada sexo.

Segundo Saraiva (2005), o adulto é que impõe à criança "de que" brincar e "com o que" pode e deve brincar resultando no que aparece na nossa realidade cotidiana: boneca e flores são utilizadas quase que exclusivamente pelas meninas que, brincando, são treinadas para as tarefas domésticas e para o culto a beleza, enquanto os meninos brincam com soldadinhos, automóveis, jogos de botão, bolas de futebol, são treinados para ocuparem as posições de liderança nos mais diversos setores da sociedade.

Essas configurações denotam os hábitos corporais masculinos e femininos e vão, ao longo do tempo, transformando os se-

xos distintos em termos motores, em que os resultados são meninos mais habilidosos com movimentos agressivos e esforço muscular maior em relação às meninas, quase sempre mais quietas e comportadas, fato comum no cotidiano das famílias e nas escolas.

Percebemos, portanto, que os fatores socioculturais são mais fortes na conformação de identidade e comportamento diferenciados para os sexos. A força da cultura e dos costumes — nos quais se encontram as brincadeiras, os jogos e as formas de movimento, que se constituem o objeto da Educação Física — tem sido escondida atrás de determinações genéticas, para proporcionar o condicionamento social desejado pelo sistema (SARAIVA, 2005).

Isto posto, notamos que a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos, permitindo-nos transitar pelos mais distintos espaços que, construídos socialmente, trazem a marca das relações construídas socialmente. Dentre esses espaços está o futebol que, conforme Vaz (2005), é um esporte construído por homens e para homens.

O futebol aparece, portanto, como uma configuração social de gênero, que se reflete em quase todos os espaços sociais onde a participação feminina ainda é inferior à dos homens.

A participação das mulheres no futebol, segundo Louro (2003), ganha destaque apenas na década de oitenta do século XX, embora se tenha notícia da prática do futebol por mulheres em meados dos anos trinta desse mesmo século.

Existem várias teorias a respeito da identificação nacional do futebol como *lócus* masculino, a principal delas, defendida por Da Matta (*apud* SOUZA 1996) considera que isto deve ser entendido no contexto geral das relações entre gênero no Brasil, em que futebol e política não são assuntos que possam ser apreciados por mulheres: "fala-se de dinheiro e de mulheres, mas se discute futebol e política" (p.136).

O futebol, portanto, não "foge" às "normas" impostas pela sociedade. Uma vez constituída a hierarquização entre homens e mulheres no meio social, o esporte, neste caso específico do futebol/futsal, irá retratar essas relações de gênero, de forma a indicar o papel que cada um deverá ocupar.

Para Scraton (*apud* QUEIRÓS *et al*, 2004), no futebol/futsal, como em outras dimensões culturais, o masculino e o feminino assumem valores distintos e a predominância do masculino no universo futebolístico tem raízes históricas, culturais e políticas que serão (re)utilizadas nas aulas de Educação Física, prevalecendo a maior participação dos meninos em detrimento das meninas. Nesta relação, o professor torna-se "refém" da histórica, e as meninas se conformam com este "domínio" masculino na prática deste esporte, e, portanto, em sua maioria não questionam tal situação.

Todo este processo pode ser facilmente observado nas ruas e espaços públicos destinados à prática do futebol/futsal, onde dificilmente se encontram meninas jogando livremente com meninos.

A resistência à participação das meninas nos jogos de futebol, de acordo com Vaz (2005), tem diminuído sensivelmente, entretanto, as que se propõem jogar e são aceitas pelos grupos de meninos só o são porque aceitam praticar o futebol tal como ele é percebido pelos meninos. Ou seja, um jogo para homens, no qual não se pode chorar, deve-se jogar duro, de forma viril, usando indiscriminadamente a força, tanto para chutar a bola, quanto para tomá-la do adversário, é legitimado por todos os praticantes.

Neste cenário de relações genéricas, a maioria das escolas adota a prática de aulas mistas, entretanto, ainda prevalece nas aulas de Educação Física o conteúdo futebol/futsal, que apropriado pelos meninos, impõe sua experiência e a forma de praticar, como modelo a ser seguido.

Segundo Vaz (2005), o futebol, como modelo e baluarte da expressão do macho, por razões mercadológicas e por avanços progressivos dos movimentos de mulheres (e de meninas), começa a dar sinais de esgotamento. Hoje, se veem mulheres, tanto na TV, quanto no rádio e na imprensa escrita, que escrevem e falam sobre futebol, debatem assuntos específicos da modalidade com grande desenvoltura. Mas ainda não denota a tentativa de construir uma nova cultura para o futebol, com base em um olhar feminino, havendo uma adaptação das mulheres ao mundo esportivo/futebolístico hegemônico.

Contudo, o futebol tem despertado um interesse cada vez

maior por parte das mulheres, não somente como objeto de contemplação, mas, sobretudo como uma possibilidade de ampliação de novos horizontes.

Gênero e educação física: análises dos dados

Esta pesquisa caracteriza-se como de campo, de caráter exploratório. Designamos como instrumento de coleta de dados, através de registro em diário de campo e fotografias, um roteiro para observações.

Os parâmetros estabelecidos para a definição do campo a ser utilizado na pesquisa foi delimitado aleatoriamente conforme acessibilidade do grupo e disposição dos conteúdos referentes ao futebol. Estabelecemos 03 escolas Estaduais que contavam com turmas do 6º e 7º ano em 2008 e observamos 04 aulas de futsal em cada série de cada unidade escolar.

A escolha das escolas se justifica, por serem as únicas Escolas Públicas Estaduais que, no momento das observações, realizadas no primeiro semestre de 2008, estavam trabalhando o conteúdo futsal nos anos indicadas. Já a escolha dos alunos entrevistados se fez conforme a acessibilidade.

Utilizamos para discussão e análise dos dados o material (diário de campo e fotografias), coletado nas três escolas utilizadas como campo de investigação.

Observamos que as aulas de futsal nas escolas aproximam-se das proposições voltadas para o esporte de rendimento e que os alunos e as alunas de ambos os anos (6º e 7º) colocam o Esporte como a tônica dos conteúdos da Educação Física, refletindo, portando, uma concepção "enraizada" social e culturalmente, ou seja, percebe-se claramente através das relações estabelecidas na organização e dinâmicas das aulas, que para eles/elas a aula de Educação Física condiz diretamente com as práticas esportivas vivenciadas ou experienciadas fora do âmbito escolar.

Coadunando com essa ideia, Bracht nos diz que, como uma prática sociocultural da sociedade moderna, o esporte está "na escola", sim, e tudo indica a sua permanência nela. E sendo

assim, ele ainda acrescenta que "O esporte que penetra o espaço escolar é o esporte criado e praticado culturalmente na sociedade, com interesses diversos e conflituosos, certamente. Esse esporte é escolarizado e incorporado à cultura escolar" (1992, p. 11).

No entanto, entendemos que a definição de Educação Física, de acordo com Coletivo de Autores (1993, p. 50), seja mais ampla, como um espaço pedagógico que não se limita ao esporte, mas também ao jogo, dança, lutas, ginástica, brincadeiras, atividades física, entre outros, que compõem uma ação planejada e estruturada de modo a desenvolver as capacidades sócio-cognitivas e motoras das crianças.

Apenas em momentos esporádicos, percebemos um certo caráter lúdico nas atividades propostas, como estafetas, jogos cooperativos, entre outros que, por sua vez, são reflexos da maioria das aulas de Educação Física no Brasil, principalmente quando o conteúdo é o futebol/futsal, o que com certeza transparece um certo descaso com a Educação Física Escolar e seus conteúdos necessários.

Percebemos ainda, durante nossas observações, algumas falas de professores(as) e alunos(as) que comprovam este descaso e mais ainda quando o mesmo se relaciona com a discussão de gênero, em que meninos e meninas deveriam supostamente realizar as mesmas atividades, dentre eles citamos:

> Menino: "A única coisa das meninas que serve é o corpo... Você é ruim de mais!" (escola A)
> Menina: "Ah não professora, vamos ter que jogar com as meninas?" (escola B)
> Menino: "Ela vai chutar a bola lá na esquina, quer ver!" (escola C)
> Menina: "Também existe meninos que não sabem jogar, assim como algumas meninas". (escola A)
> Professor: — "Daqui uns dias você vai vim pra aula de saia, escutando conversa de menina desse jeito...". (escola A)
> Professor: — "Com esse cabelo grande você vai acabar virando gay daqui uns dias!". (escola B).

As falas dos professores nos chamam a atenção, comprovando que eles mesmos contribuem para a segregação das aulas, reforçando os estereótipos de gênero impregnados e cultuados pela sociedade. Nesse sentido Louro salienta que:

> a separação de meninas e meninos é, então, muitas vezes, estimulada pelas atividades escolares, que dividem grupos de estudo ou que propõem competições. Ela também é provocada, por exemplo, nas brincadeiras que ridicularizam um garoto, chamando-o de "menininha", ou nas perseguições de bandos de meninas por bandos de garotos (1997, p. 79).

Das análises realizadas, consideramos que as relações entre os sexos foram/são construídas historicamente e obedecem a certo "padrão" social relacionado às normas e valores que variam nos diversos momentos conforme as necessidades individuais e dos grupos.

Percebemos também que as meninas do sexto (6º) ano demonstram uma recusa às aulas mistas, se auto excluindo da participação nas atividades propostas. Entretanto, ao contrário das meninas, os meninos estão sempre dispostos a realizar as atividades propostas pelo professor/professora e ainda pressionam para que o jogo de futsal prevaleça na aula.

Percebemos, através das leituras, que o principal conteúdo nas aulas de Educação Física na escola é o futebol (na versão futsal) agregando os meninos e excluindo as meninas. E ainda que, quando as aulas não se apresentam com essas características, traz à tona uma disputa entre meninos e meninas que acabam promovendo outros conflitos que ocasionam, da mesma forma, a exclusão da maioria das meninas das aulas (LOURO, 1997).

Notamos também que os alunos/alunas rejeitam as aulas mistas e ainda há preconceito com a prática feminina ao futebol/futsal.

Tanto a escola A quanto a escola B apresentam aulas mistas na grade curricular e o conteúdo programático "seria" o futebol/futsal, mas a realidade das aulas configura-se numa divisão entre menino e menina, e na proposição de outros esportes/práticas

para as meninas. Na escola A é proposto o futsal para as meninas que tentam jogá-lo por 10 minutos, mas não havendo intervenção pedagógica do professor acabam brincando de forma aleatória e enfrentando as interferências dos meninos que adentram o espaço de jogo o tempo todo. Já aos meninos a prática se apresenta por 35 minutos e as meninas exercem o papel de coadjuvante. Na escola B as meninas jogam handebol também por 10 minutos, enquanto que os meninos jogam o futsal.

Estes dados foram por nós comprovados quando das observações em todos os ambientes investigados. Neles, aos meninos foi indicada a prática do futebol e às meninas que quisessem a prática aleatória do handebol ou ainda, a quem não se interessasse por nenhuma das duas atividades sugeridas, restou a opção de simplesmente se sentarem na arquibancada ou passearem pelo pátio da escola e se excluírem da atividade.

Apenas na escola C, houve maior interação entre os meninos e as meninas, com o incentivo à participação de todos e a proposta de aulas diferenciadas das outras escolas, mas ainda assim, não houve discussão que pudesse promover a superação da realidade vivenciada pelos alunos quanto às questões de gênero também fora da escola. Sobre estas divisões, Saraiva salienta que

> as ações "masculinas" no esporte tendem a servir de modelo para a prática deste, o que se transpõe para o esporte escolar, buscando-se sempre "os melhores resultados" também nessa prática. O melhor resultado não é aquele que se obtém aproximando–se do seu modelo? As ações "femininas", que não têm sido tomadas como modelo, pelo menos na prática de movimentos desportivos, ficam assim negligenciadas e seus portadores, mal atendidos (2005, p.137).

Notamos que, ao contrário das meninas do sexto (6º) ano, a maioria das alunas do sétimo (7º) ano demonstrou certo interesse pela prática, cuja realização das atividades parecia ser com prazer e alegria e a competição com os meninos era sempre por elas ressaltadas em cada jogada bem sucedida, porém com certa predominância

do modelo masculino como referência, o que nos demonstra a falta de maiores oportunidades de vivências entre as meninas e os meninos no futebol/futsal tanto na escola como fora dela também.

Entretanto, fica claro que, para os meninos do sexto e sétimo ano e para as meninas do sexto ano, as aulas devem ser separadas. Saraiva (2005) explica que a rejeição às aulas mistas é vista a partir da corrente tradicionalista, que concebe a Educação Física no paradigma tecnicista-higienista do esporte de rendimento e da atividade física como saúde, e que tende a adotar pontos de vista biológicos para explicar a diferenciação física e comportamental de homens e mulheres. Esta mesma autora acrescenta ainda que

> a discriminação sexual em aulas de Educação Física é resultado da conformação de consciências estereotipadas que se dá no processo de socialização das pessoas. Esse é o caminho por meio da qual a criança, pouco a pouco, se introduz no repertório de papéis que precisará exercer como adulto participante de um grupo social (SARAIVA, 2005, p. 75).

No campo biofisiológico, a *performance* motora feminina, para Saraiva (2005), fica prejudicada pelas menores oportunidades de vivências corporais, em relação às oportunidades de jogos esportivos oferecidas aos meninos.

O que, portanto, justifica-se por uma questão sócio-histórico-cultural, em que as meninas são desmerecedoras da prática do futebol/futsal, bem como reforça Daolio: "estamos diante de um fato social, pontuado por uma história cultural que delegou as meninas brasileiras à condição de "antas" quando realizam atividades que exigem força, velocidade e destreza" (1997, p. 80).

Outro aspecto a ser comentado, após as observações realizadas, é que as meninas preferem atividades tidas como mais femininas como o handebol, o que percebemos nos vários diálogos entre os alunos e destes com os professores/professoras. Sobre esta preferência, Buytendijk (*apud* SARAIVA 2005) salienta que a tendência dos meninos ao futebol e das meninas ao handebol não se reduz à explicação de uma diferença muscular, o que é inicial-

mente correto, ou à explicação a partir de motivos racionais. Ele fundamenta que

> as diferenças são resultantes da maneira de ser de cada sexo, de seu encontro com o mundo, da vivência da própria corporeidade e seu significado. O chutar diferencia-se do lançar: em primeiro lugar, o chutar é mais agressivo do que o lançar, e em segundo pertence ao lançar o receber, o agarrar e o prender; ao chutar corresponde o chutar de volta. O chutar, como movimento é, sobretudo, expansivo... é especificamente masculino [...] de qualquer forma, não chutar é feminino! (p.125).

Notamos, ainda, que o comportamento dos alunos é alterado conforme a condução da aula, principalmente durante os jogos, onde a competição é extremamente latente, em que ninguém gosta de perder, ainda mais quando havia a presença das meninas nos jogos, haja vista que os meninos tinham uma necessidade em demonstrar a "superioridade" em relação às meninas, e em alguns casos desmerecendo-as durante as aulas. Para Saraiva, este comportamento nos esclarece que

> se as diferentes formas de comportamento no esporte não forem vistas como expressão de estereótipos de papeis contraditórios, mas sim como diferenças condicionadas culturalmente, têm-se uma nova luz sobre as dificuldades da prática conjunta e dos possíveis novos incentivos para a sua solução (2005, p.144)

Essa separação ou confirmação dos estereótipos dos papéis sociais de homens e mulheres deixa-nos transparecer que a discriminação sexual em aulas de Educação Física, segundo Krappann (*apud* SARAIVA, 2005), é resultado da conformação de consciências estereotipadas que se dá no processo de socialização das pessoas. Esse é o caminho por meio do qual a criança, pouco a pouco, se introduz no repertório de papéis que precisará exercer como adulto participante de um grupo social.

Os estereótipos, de forma simplificada, para Saraiva, "é o conjunto de características que 'definem' o papel do indivíduo, enquanto

o papel é o conjunto de comportamento esperados desse indivíduo" (2005, p. 37), além do mais, estes estereótipos influem na percepção que os indivíduos têm de si próprios e dos outros e, portanto, influem nas relações interpessoais. Essas relações configuradas sob a influência dos estereótipos sexuais repercutem no esporte escolar e nas aulas de Educação Física, interferindo na prática educativa.

Percebemos que as justificativas para as desigualdades precisam ser "buscadas" não nas diferenças biológicas, mas nos arranjos sociais. Por conseguinte, as meninas ao se misturarem aos meninos enfrentam dois tipos de desafios: o primeiro é a própria discriminação sexual, que considera as meninas que jogam futebol/futsal homossexuais e o segundo é o próprio jogo, como é praticado, masculinizado, violento e agressivo.

Entendemos que as relações entre os meninos e as meninas nas aulas de futebol/futsal são, de fato, preocupantes e devem ser considerados e discutidos pelos Professores e pela Direção da Escola, uma vez que condições de infra-estrutura básicas e melhor comportamento dos alunos são requisitos mínimos para se desenvolver uma aula boa e de qualidade, o que em muitos casos e nas escolas observadas não é garantido. O que presenciamos foi o total descaso com as quadras como: muretas quebradas, pisos inadequados, materiais de aula escassos, entre outros problemas que vão se acumulando com o passar dos anos.

Isto posto, entendemos que a questão-problema lançada em nosso trabalho, indagando acerca das configurações das relações de gênero e futebol nas aulas de Educação Física nas Escolas Públicas Estaduais em Catalão-GO, foi prontamente respondida, *a priori* através das leituras de nosso referencial e posteriormente através dos dados coletados a partir das observações realizadas.

Considerações finais

Colocamo-nos conscientes que este é um tema gerador de polêmicas, sobretudo, quando ainda percebemos na Educação Física uma tendência histórica de os professores tratarem a questão do gênero de forma distinta, separando meninos e meninas das

aulas dessa disciplina, e se eximindo de qualquer responsabilidade para uma formação diferenciada e esclarecedora dos papéis sociais entre homens e mulheres.

Percebemos que as relações sexistas no interior das escolas observadas reforçam a desigualdade entre os sexos e a divisão dos papéis sociais entre o que é do homem e o que é da mulher, perpetuando os valores impostos socialmente e perpetuados como verdades absolutas.

Consideramos ser necessário que se compreenda, então**,** que as discriminações às aulas mistas se pautam através dos estereótipos sexuais impregnados historicamente pela cultura de cada sociedade e, por isso, a desmistificação dos mesmos, deve passar pela escola e pela Educação Física, pois esta, no contexto escolar, constitui-se no campo onde, por excelência, acentuam-se as diferenças entre homens e mulheres.

Entendemos que os argumentos básicos reforçados pelos autores elencados durante as discussões apresentadas conforme as observações realizadas, para viabilização das aulas mistas, é assumirmos que esta pode ser uma importante ampliação de vivências esportivas para ambos os sexos, com o consequente alargamento das capacitações motoras e possível aquisição de condições para a prática de lazer atuais e futuras.

Isso significa que a aula de Educação Física em separado para as meninas e os meninos deveria ser evitada, porque somente em conjunto poderão ser buscadas a igualdade de chances, a desconstrução da relação de dominação e a quebra de preconceitos entre os sexos, fatores esses necessários para a construção de relações entre iguais que podem impulsionar a transformação social.

Isto posto, concluímos que as relações que se configuram nas aulas de Educação Física entre meninos e meninas, quando vivenciam o futebol/futsal nas escolas estaduais em Catalão-GO, contribuem para perpetuar as relações separatistas entre homens e mulheres, estabelecidas e cultuadas pela sociedade como valores absolutos priorizando o masculino em detrimento do feminino.

Referências

ALTMANN, Helena. Rompendo fronteiras de gênero**:** marias (e) homens na educação física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 1999. p. 112-117.

AUAD, Daniela. **Escola, relações de gênero e sexualidade:** um caminho para a construção da igualdade. São Paulo, 2003.

BRACHT, Valter. **Aprendizagem social e Educação Física.** Porto Alegre: Magister, 1992.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1993.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura:** Educação Física e Futebol. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1997.

KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Unijui, 1994.

LE BRETON, David de. **A sociologia do corpo.** Petrópolis: Vozes, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis. Vozes, 1997. p. 14-16.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL; Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. (orgs). **Corpo, gênero, e sexualidade:** um debate contemporânea na educação. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2003, p. 09-83.

LUZ JÚNIOR, Agripino Alves. Gênero e educação física: o que diz respeito a produção teórica brasileira dos anos 80 e 90? In: **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**, 2001.

MELO, Karine Telles de. Gênero aplicado à educação física: uma pesquisa na Revista Brasileira de Ciências do Esporte. **Projeto de Pesquisa de Especialização**. Uberlândia:UFU, 2004, 15 p.

MURARO, Rose Marie, BOFF, Leonardo. A construção histórico-social dos sexos. In: **Feminino e Masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Ed. Sextante,

2ª edição, 2002, p. 45-60

QUEIRÓS, Paula et al**.** Para uma Estrutura Pedagógica Renovada, Promotora da Co-Educação no Desporto. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (orgs)**. O mundo psicossocial da mulher no esporte**: comportamento, gênero e desempenho. São Paulo: Aleph, 2004.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. **Brincadeiras de meninas e de meninos:** socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. Cadernos Pagu 2006, p.145-168.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes:** quando a diferença é mito. Ijuí: 2º ed. UNIJUÍ, 2005;

SIMÕES, Renata Duarte. Gênero na educação física: a emergência de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. CD-ROM, 2003.

SOUZA, Eustáquia Salvadora de, ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. In: **Cadernos Cedes**, ano XIX, n° 48, agosto/1999, p. 52-68.

SOUZA, Marcos Alves de. Gênero e Raça: A Nação Construída Pelo Futebol Brasileiro. **Cadernos Pagu** (6-7)1996: pp.109-152.

VAZ, Antônio Carlos. Futebol e representações de gênero: engendrando ações afirmativas e pedagógicas. In: SOUZA, Adalberto dos Santos (org.). **Desafios para uma educação física crítica**. São Paulo: Cult, 2005.

VIANNA, Cláudia, RIDENTI, Sandra. Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas. In: **Relações de gênero e escola**: das diferenças ao preconceito. São Paulo: Summus, 1998, p. 93-106.

Recebido em 06 de abril de 2008.
Reformulado em 29 de julho de 2008.
Aprovado em 06 de setembro de 2008.